

BARROCO NO BRASIL (SÉCULO XVII)

GREGÓRIO DE MATOS (1633 – 1696?)

1. Estilo

I) Cultismo (gongorismo) – Poesia

- a) Texto descritivo: jogo de imagens.
- b) Cromatismo: estímulos visuais.
Ex. mulher (cabelos: ouro; olhos: luzentes; dentes: pérolas).
- c) aliteração: repetição de consoantes.
- d) assonância: repetição de vogais.

2. Estrutura

- I) Soneto italiano: 2 quartetos + 2 tercetos + versos decassílabos.
- II) Vilancete: uma estrofe (mote) seguida de outras estrofes (glosas) e versos redondilhos.
- III) Décima: estrofe composta de dez versos redondilhos.

3. Divisão da obra

- I) Poesia satírica (“boca do inferno”).
 - a) críticas ao governo, aos corruptos, ao clero, às instituições, aos unhates.
Ex “Descreve o que era naquele tempo a cidade da Bahia”
 - b) Linguagem obscena (retoma as cantigas de maldizer).
Ex. “Pica-flor”.
 - II) Poesia religiosa (sacra)
 - a) Descreve o homem tipicamente Barroco.
 - b) Angústia espiritual: o ser humano é pecador (mesmo argumento do Pe. Antonio Vieira).
Ex. “A Jesus Cristo Nosso Senhor”
 - III) Poesia lírica.
 - a) amorosa: sonetos decassílabos para as mulheres brancas (anjos).
Ex. “Rompe o poeta...”
 - b) Erótica: redondilhos para as mulheres negras e mulatas.
Ex. “A Floralva, uma dama em Pernambuco”
 - IV) Poesia filosófica.
 - a) Descreve a angústia do homem em relação à efemeridade da vida e à fugacidade do tempo.
Ex. “Nasce o sol e não dura mais que um dia”
 - b) O Carpe Diem é um elemento de tensão.

TEXTO – 1

Pica-Flor

A uma freira que satirizando a delgada fisionomia do poeta lhe chamou "Pica-Flor"

DÉCIMA

Se Pica-Flor me chamais,
Pica-Flor aceito ser,
Mas resta agora saber,
Se no nome que me dais,
Meteis a flor que guardais
No passarinho melhor!
Se me dais este favor,
Sendo só de mim o Pica,
E o mais vosso, claro fica,
Que fico então Pica-Flor.

Gregório de Matos

TEXTO – 2

A despedida do mau governo que fez o governador da Bahia.

Senhor Antão de Sousa de Menezes,
Quem sobe ao alto lugar, que não merece,
Homem sobe, asno vai, burro parece,
Que o subir é desgraça muitas vezes.

A fortunilha, autora de entremezes
Transpõe em burro o herói que indigno cresce:
Desanda a roda, e logo homem parece,
Que é discreta a fortuna em seus reveses.

Homem sei eu que foi vossenhoria,
Quando o pisava da fortuna a roda,
Burro foi ao subir tão alto clima.

Pois, alto! Vá descendo onde jazia,
Verá quanto melhor se lhe acomoda
Ser homem embaixo do que burro em cima.

Gregório de Matos

TEXTO - 3**A Jesus Cristo nosso senhor**

Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado,
De vossa alta clemência me despido;
Porque, quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto um pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida e já cobrada,
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na sacra história,

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,
cobrai-a; e não queirais, pastor divino,
perder na vossa ovelha a vossa glória.

Gregório de Matos

TEXTO - 4**Rompe o poeta com a primeira impaciência querendo
declarar-se e temendo perder por ousado**

Anjo no nome, Angélica na cara!
Isso é ser flor, e Anjo juntamente:
Ser Angélica flor, e Anjo florente,
Em quem, senão em vós se uniformara:

Quem vira uma tal flor, que a não cortara,
De verde pé, da rama florescente;
E quem um Anjo vira tão luzente,
Que por seu Deus, o não idolatrara?

Se como Anjo sois dos meus altares,
Fôreis o meu custódio, e minha guarda
Livrrara eu de diabólicos azares.

Mas vejo, que por bela, e por galharda,
Posto que os Anjos nunca dão pesares,
Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.

Gregório de Matos

TEXTO - 5**A Floralva, uma dama em Pernambuco**

Décimas

1.
Bela Floralva, se Amor
me fizesse abelha um dia,
em todo o tempo estaria
picando na vossa flor:
e quando o vosso rigor
quisesse dar-me de mão
por guardar a flor, então,
tão abelhudo eu andara,
que em vós logo me vingara
com vos meter o ferrão.

2.
Se eu fora ao vosso vergel
e na vossa flor picara
um favo de mel formara
mais doce que o mesmo mel:
mas vós como sois cruel,
e de natural castiço,
deixais entrar no caniço
um zangano comedor,
Que vos rouba o mel e a flor,
E a mim o vosso cortiço.

Gregório de Matos

TEXTO - 6**Descreve o que era naquele tempo a cidade da Bahia**

A cada canto um grande conselheiro,
Que nos quer governar cabana e vinha;
Não sabem governar sua cozinha,
E podem governar o mundo inteiro.

Em cada porta um bem frequente olheiro,
Que a vida do vizinho e da vizinha
Pesquisa, escuta, espreita e esquadrinha,
Para o levar à praça e ao terreiro.

Muitos mulatos desavergonhados,
Trazidos sob os pés os homens nobres,
Posta nas palmas toda a picardia,

Estupendas usuras nos mercados,

Todos os que não furtam muito pobres:
E eis aqui a cidade da Bahia.

TEXTO- 7

À cidade da Bahia

Triste Bahia! ó quão dessemelhante
Estás e estou do nosso antigo estado!
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,
Rica te vejo eu já, tu a mi abundante.

A ti tocou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrado,
A mim foi-me trocando, e tem trocado,
Tanto negócio e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente
Pelas drogas inúteis, que abelhuda
Simples aceitas do sagaz Brichote

Oh se quisera Deus, que de repente
Um dia amanheceras tão sisuda
Que fora de algodão o teu capote!

Gregório de Matos

BARROCO EM PORTUGAL (SÉCULO XVII) **PE. ANTONIO VIEIRA (1608 – 1697)**

1. Estilo

I) Conceptismo (Quevedismo) – Prosa.

a) Texto argumentativo: persuadir o leitor acerca de uma tese.

b) Uso do raciocínio lógico: “jogo de ideias”.

c) Dialética: tese + antítese = síntese.

d) Retórica: arte do convencimento (“bem falar”).

2. Divisão dos sermões

I) Proposição: apresentação do tema bíblico.

II) Introito / Exposição: plano geral (associa o tema bíblico ao cotidiano).

III) Invocação: pedido de inspiração à Nossa Senhora.

IV) Argumentação: Homem sempre como pecador.

V) Conclusão / Peroração: convencimento do leitor / ouvinte a mudar de postura.

ORIENTAÇÃO DE ESTUDOS (AULAS 11 e 12):

CAPÍTULO 3 – BARROCO: GREGÓRIO DE MATOS e Pe. Antônio Vieira (LIVRO 1 - FRENTE 2)

Leitura: 252 a 258.

Exercícios propostos: 15, 23 a 27.

Exercícios complementares: 14 a 25.

1. Exercício – Fuvest (2022)

Largo em sentir, em respirar sucinto
Peno, e calo tão fino, e tão atento,
Que fazendo disfarce do tormento
Mostro que o não padeço, e sei que o sinto.

O mal, que fora encubro, ou que desminto,
Dentro no coração é, que o sustento,
Com que para penar é sentimento,
Para não se entender é labirinto.

Ninguém sufoca a voz nos seus retiros;
Da tempestade é o estrondo efeito:
Lá tem ecos a terra, o mar suspiros.

Mas oh do meu segredo alto conceito!
Pois não me chegam a vir à boca os tiros
Dos combates, que vão dentro no peito.

No soneto, o eu lírico:

a) expressa um conflito que confirma a imagem pública do poeta, conhecido pelo epíteto “boca do inferno”.

b) opta por sufocar a própria voz como estratégia apaziguadora de suas perturbações de foro íntimo.

c) explora a censura que o autor sofreu em sua época, ao ser impedido de dar expressão aos seus sentimentos.

d) estabelece, nos tercetos, um contraponto semântico entre as metáforas da natureza e da guerra.

e) revela-se como um ser atormentado, ao mesmo tempo que omite a natureza de seu sofrimento.

2. Leia o soneto “Descreve o que era naquele tempo a cidade da Bahia”, do poeta Gregório de Matos (1636-1696), para responder à questão. (Unesp 2023)

A cada canto um grande conselheiro,
Que nos quer governar cabana e vinha;
Não sabem governar sua cozinha,
E podem governar o mundo inteiro.

Em cada porta um bem frequente olheiro,
Que a vida do vizinho e da vizinha
Pesquisa, escuta, espregia e esquadrinha,
Para o levar à praça e ao terreiro.

Muitos mulatos desavergonhados,
Trazidos sob os pés os homens nobres¹,
Posta nas palmas toda a picardia,

Estupendas usuras nos mercados,
Todos os que não furtam muito pobres:
E eis aqui a cidade da Bahia.

(Gregório de Matos. Poemas escolhidos, 2010.)

1 Trazidos sob os pés os homens nobres: na visão de Gregório de Matos, os mulatos em ascensão subjagam com esperteza os verdadeiros “homens nobres”.

O soneto de Gregório de Matos constitui um exemplo da sua poesia de teor

- a) nostálgico.
- b) satírico.
- c) metalinguístico.
- d) místico.
- e) encomiástico.

GABARITO COMENTADO

1. Alternativa correta E: o eu lírico descreve a situação de tumulto interior, que o atormenta, sem indicar qual é a causa ou a natureza desse sofrimento.

A alternativa A é falsa, pois o autor não faz menção às sátiras que lhe renderam o apelido de “boca do inferno”.

A alternativa B é falsa, pois o eu lírico não consegue apaziguar a perturbação dentro de si (“Ninguém sufoca a voz nos seus retiros”).

A alternativa C está errada porque o tumulto sentido pelo eu lírico vem do seu próprio interior, não de um conflito com a sociedade ou de alguma censura que lhe tenha sido imposta.

A alternativa D é falsa porque, nos tercetos, as metáforas ligadas à natureza (a tempestade que ecoa na terra) e ligadas à guerra (combates e tiros) remetem ambas à ideia de tumulto. Não há, assim, contraposição entre essas metáforas.

2. Alternativa correta B: o eu lírico critica os políticos corruptos, os “fofoqueiros”, os “mulatos desavergonhados” e os comerciantes portugueses que enganvam as pessoas. Através da ironia, Gregório de Matos traça um panorama crítico da Bahia do século XVII.